



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL
(IHTRGS)**

**280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do
Brasil na I GM**

ANO 2017

Maio

Nº 219

FORÇAS ARMADAS DO BRASIL

**Marcos Coimbra
24 Mai 2017**

O Desenvolvimento Nacional pressupõe o desenvolvimento por igual das cinco expressões do Poder Nacional:

- política;
- econômica;
- psicossocial;
- militar; e
- científico-tecnológica.

De nada adianta para um país desenvolver-se apenas, por exemplo, na expressão econômica, caso não evolua nas demais. Será uma mesa desequilibrada, com seus pés, cada um, de tamanho diferente. É o caso do Japão. Atingiu o desenvolvimento econômico, mas não tem desenvolvimento militar. Já os EUA são a potência mundial, de caráter hegemônico, porque desenvolveram as cinco expressões do Poder Nacional.

O Brasil, infelizmente, ainda não conseguiu obter o desenvolvimento em nenhuma das expressões. No passado, já havíamos atingido a etapa do crescimento econômico, mas agora regredimos. Devemos voltar a obtê-lo, a conseguir o desenvolvimento econômico. Devemos alcançá-lo para então partir para atingir o desenvolvimento das demais expressões. A última, em geral, é a expressão militar, porém não devemos descurar dela, pois uma nação só obtém desenvolvimento, caso tenha segurança. Sem segurança, não há desenvolvimento e sem desenvolvimento não haverá segurança. É necessário fortalecer, e muito, a expressão militar, a fim de que possamos proteger nosso povo, nossas riquezas e nosso imenso território.

Depois do domínio econômico, vimos a crescente influência da língua, da cultura, na expressão psicossocial brasileira. Na Espanha, por exemplo, as palavras são traduzidas para a língua pátria, até no McDonald's. No Brasil é "drive thru" mesmo. Na saúde, perdura o caos. A assistência pública é incapaz de atender aos pacientes sem recursos e os planos particulares de saúde começam a falir, como era esperado.

Na educação, prepara-se a privatização das Universidades Públicas. A previdência continua a ser destruída, esforçando-se as sucessivas administrações em retirar todos os

direitos adquiridos dos trabalhadores, obtidos duramente ao longo de décadas. Na segurança pública, a vergonha definitiva. A verdadeira guerra civil desencadeada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) e seus concorrentes representa o "tiro de misericórdia" nos "responsáveis" pela segurança pública em São Paulo e no Brasil. Os presidiários mostraram-se mais organizados que os órgãos de segurança.

Na expressão política, o sistema financeiro internacional continua a eleger e derubar presidentes e outros menos votados. O Congresso demonstra um grau de corrupção acentuada. Deputados mudam de opinião em troca de benesses diretas e indiretas. Os eleitos são perfeitos representantes do nosso Legislativo.

Era de se prever que a influência chegaria à expressão militar. O percentual de gastos com defesa em relação ao PIB caiu para 1,4% do PIB (Produto Interno Bruto), número que vem se mantendo estável há duas décadas. O gasto total do Ministério da Defesa em 2016 foi de R\$ 87,6 bilhões. O grosso do dinheiro (73,7%) vai para pessoal. A segunda maior despesa é custeio, 13,6%, enquanto investimentos somam 10,4%. E a mídia amestrada silencia.

A solução principia em lutar, passo a passo, pelo resgate da pátria perdida. Em investir pesadamente no soerguimento da indústria bélica do Brasil. A ENGESA e a IMBEL deverão ser recuperadas. A EMBRAER, mantida sob controle nacional e estimulada. Somente assim teremos um razoável nível de independência tecnológica na área militar. O exemplo da Argentina no triste episódio da guerra pelas Ilhas Malvinas é esclarecedor. Perderam o controle do Teatro de Operações, porque acabaram seus mísseis e nenhum outro país os abasteceu ou os ajudou na reposição.

A Marinha investe no programa de submarinos convencionais e nuclear. Em 2015, a rubrica de fabricação de quatro modelos diesel-elétricos recebeu só R\$ 35 milhões dos R\$ 294 milhões planejados, sendo "salva" pelos restos a pagar de outros anos. O Exército investe no programa de proteção de fronteiras e na troca da sua frota de blindados pelo modelo Guarani, bem como na guerra cibernética.

Na FAB, os focos são os caças suecos Gripen e a fabricação do cargueiro e avião-tanque KC-390, da Embraer. Este último só recebeu pouco mais de 10% do previsto em 2015 e sofreu atrasos em seu cronograma, mas em 2016 ficou com quase o dobro da verba inicial: R\$ 816 milhões.

É vital ainda investir na tecnologia nuclear, para que possamos dominar o processo, hoje ao alcance de vários países do mundo. E, em especial o domínio da tecnologia de fabricação e lançamento de VLS. Para o ministro da Defesa, as Forças Armadas brasileiras ainda estão a "léguas" do nível adequado de investimento. E, apesar da retomada de 2016, pode haver algum corte neste ano. "O contingenciamento poderá ocorrer, está sendo discutido". "Houve uma recomposição, na qual trabalhamos, mas ainda falta muito para voltarmos ao pico do começo da década de 2010".

Naqueles anos começaram a entrar em vigor os programas do acordo militar Brasil-França de 2009, o maior do gênero da história brasileira, que assegurou a montagem de 50 helicópteros de transporte e a instalação do programa de submarinos. "Depois, [o investimento] só caiu, levando ao risco de canibalização dos programas".

Vamos dotar nossas Forças Armadas de meios que lhes possibilitem defender efetivamente o Brasil, bem como cumprir suas funções constitucionais. E, para isto, é importante que, mantido o ministério da Defesa, o novo ministro seja um profissional que entenda do assunto, familiarizado com os assuntos específicos. Não é possível inventar!

Guerra do Iraque e conflitos médio-orientais: novas possibilidades de estudos do conceito de guerra

Por Rayanne Gabrielle da Silva (*)

Atualmente, a Guerra do Iraque está inserida no conjunto de conflitos médio-orientais, cujas características envolvem a perseguição e combate ao terrorismo e as suas células, através do envio de grandes contingentes militares por parte das principais potências ocidentais. Ainda que não se reduza a essa breve explicação, por demais simplista para abarcar a complexidade de tais conflitos, as guerras médio-orientais levam anos para chegar ao fim, resultando em um saldo elevado de mortes de civis, fome, destruição e crise humanitária. As guerras do Afeganistão e da Síria são alguns dos exemplos mais emblemáticos, juntamente ao caos iraquiano, contemplados nesse cenário.

Contudo, é preciso entender o conceito de guerra inserido no contexto desses novos conflitos. Partindo de uma rápida reflexão, guerra pode ser definida como o impasse extremo resultante de vontades, ideias e conceitos divergentes não-realizáveis por indivíduos ou entidades, com predominância do uso da violência e da força. Para tanto, os beligerantes envolvidos utilizam-se de diferentes meios e técnicas, além de experimentações de novas tecnologias, as quais podem ou não resultar em avanços posteriores à promoção social e científica durante os tempos de paz. O historiador militar francês André Corvisier, em sua *A Guerra*, reduz o conceito a uma “forma extrema de confronto entre vontades” (1999, p. 23).

Dessa forma, a Guerra do Iraque, bem como suas congêneres, devem ser estudadas e analisadas à luz de uma nova perspectiva do que vem a ser e representar a guerra em tempos de ameaças nucleares e fabricação e uso indevidos de armas químicas e biológicas. O interesse por riquezas naturais, como o abundante “ouro negro” nas regiões em discussão, e o avanço imperialista, na figura dos Estados Unidos e dos países da União Europeia, tornaram-se motivos secundários diante da ameaça civilizacional proporcionada pelo terror desmedido e desinteressado dos valores humanos mais prementes.

Por mais doloroso que seja ao homem, em virtude de suas peculiaridades macabras - na maior parte do tempo em que ocorrem -, estudar a guerra é imprescindível para considerarmos os limites e a capacidade consciente da humanidade em seus mais variados graus.

Afinal, como diz o sociólogo e filósofo francês Raymond Aron em seu clássico *Paz e Guerra entre as Nações*,

“é tão impossível reconhecer a história sem a guerra como imaginar a literatura sem o amor”.

(*) Pós-graduanda em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e graduanda em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em História (Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Reunião de confraternização da AHIMTB/RS em 01 Jun 2017, 5ª feira, às 1700 h, no Museu do CMS (Rua dos Andradas, 630). Integrantes e amigos estão convidados.

EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS

lecaminha@gmail.com

Acesse os sites:

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br

www.nee.cms.eb.mil.br